

<https://doi.org/10.33362/professare.v14i2.3811>

**Oficina de língua portuguesa com refugiados a partir de um projeto de extensão
universitária a distância**

**Portuguese language workshop with refugees from a project of university extension
remote**

**Taller de lengua portuguesa con refugiados a partir de un proyecto de extensión
universitaria a distancia**

Cinthia Lopes da Silva¹

Daniella Barbosa Buttler²

Cássia Regina Gonçalves dos Santos^{3*}

Recebido em: 11 maio 2025

Aceito em: 11 nov. 2025

RESUMO: O presente artigo tem como foco o desenvolvimento de um projeto de extensão a distância alicerçado na construção crítica sobre a prática docente a partir da experiência de ensino da língua portuguesa com refugiados por meio de oficinas. Trata-se de um trabalho descritivo e exploratório de natureza qualitativa. A produção de dados foi realizada a partir de duas narrativas: uma sobre a oficina de língua portuguesa com os refugiados por uma estudante de Pedagogia e a outra da professora que fez a orientação reflexiva no projeto de extensão a distância. A partir das experiências narradas pudemos compreender como se deram as interações na oficina e os desafios desse trabalho realizado a distância junto a estudantes refugiados. Como resultados, pode-se destacar que a oficina de língua portuguesa com refugiados é um meio de acesso e produção ao conhecimento sobre a cidade de São Paulo e o processo formativo docente é complexo e envolve diversos fatores que impactam na vida dos futuros professores que ministram as oficinas.

Palavras-chave: Formação inicial de professores. Refugiados. Cultura. Inclusão.

ABSTRACT: The present article focuses on the development of a distance extension project based on a critical approach to teaching practice, drawing from the experience of teaching the Portuguese language to refugees through workshops. It is a descriptive and exploratory study of a qualitative nature. Data collection was carried out through two narratives: one

¹ Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Estudante de Pedagogia pelo Centro Universitário Senac. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7979-0337>. E-mail: cinthialopes@ufpr.br.

² Doutora pela em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Professora do Centro Universitário Senac. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4138-7358>. E-mail: daniella.bbuttler@sp.senac.br.

^{3*} Mestre em História Social pela PUC-SP. Professora do Centro Universitário Senac. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8883-5526>. E-mail: cassiareginagoncalvesdossantos@gmail.com.

from a Pedagogy student about the Portuguese language workshop with refugees and the other from the professor who provided reflective guidance in the distance extension project. Based on the narrated experiences, we were able to understand how the interactions in the workshop took place and the challenges of conducting this work remotely with refugee students. As results, it can be highlighted that the Portuguese language workshop for refugees serves as a means of access to and production of knowledge about the city of São Paulo, and that the teacher training process is complex, involving various factors that impact the lives of future teachers conducting the workshops.

Keywords: Initial teacher training. Refugees. Culture. Inclusion.

RESUMEN: El presente artículo tiene como objetivo el desarrollo de un proyecto de extensión a distancia basado en la construcción crítica sobre la práctica docente a partir de la experiencia de enseñanza de la lengua portuguesa con refugiados por medio de talleres. Se trata de un trabajo descriptivo y exploratorio de carácter cualitativo. La producción de datos se llevó a cabo a partir de dos narrativas: una sobre el taller de lengua portuguesa con los refugiados realizada por una estudiante de Pedagogía y otra de la profesora que llevó a cabo la orientación reflexiva en el proyecto de extensión a distancia. A partir de las experiencias narradas fue posible comprender cómo se dieron las interacciones en el taller y los desafíos de este trabajo realizado a distancia con estudiantes refugiados. Como resultados, se puede destacar que el taller de lengua portuguesa con refugiados constituye un medio de acceso y producción de conocimiento sobre la ciudad de São Paulo, y que el proceso formativo docente es complejo e involucra diversos factores que impactan en la vida de los futuros profesores que imparten los talleres.

Palabras clave: Formación inicial de profesores. Refugiados. Cultura. Inclusión.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão, que comporta tantos estudantes da Educação a Distância, quanto presenciais, voltado ao ensino de língua portuguesa para refugiados é uma iniciativa de instituição de ensino superior privada - Senac em parceria com o projeto Missão Paz de São Paulo e foi iniciado em agosto e finalizado em novembro de 2024⁴. Durante o período, foram realizadas reuniões e uma *webconferência* introdutórias para organizar uma oficina coletiva de língua portuguesa voltada ao acolhimento de refugiados da Missão Paz - instituição responsável pelas aulas de português para esse público. Além disso, houve troca de *e-mails* com a professora orientadora do projeto de extensão, visando alinhar os objetivos e estratégias da atividade.

⁴ O projeto Língua Portuguesa como língua de acolhimento a refugiados existe na IES desde início de 2022. A participação da Instituição de Ensino Superior, a partir de projeto de Extensão, acontece por meio de oficinas temáticas, voltadas à ampliação do conhecimento e emprego cotidiano da língua portuguesa brasileira para as pessoas atendidas pela Missão Paz.

O projeto como um todo envolveu também o acompanhamento de oficinas de colegas na Missão Paz e a busca de conhecimentos sobre o conceito e contexto social de pessoas refugiadas. A equipe foi formada por duas professoras orientadoras, responsáveis pelo projeto de extensão, sendo que uma delas fez o acompanhamento mais direto da experiência da oficina a ser narrada neste trabalho. Uma característica do projeto de extensão é que não se trata de uma ação assistencialista a refugiados, mas um projeto de extensão e de pesquisa que tem como foco o trabalho reflexivo sobre a prática docente e acolhimento aos refugiados pela mediação do conhecimento da língua portuguesa.

Apresentam-se as seguintes questões a serem respondidas no decorrer deste relato de experiência: 1) como compreender as interações sociais na experiência de oficina de língua portuguesa com refugiados? e 2) como ocorreram as interações sociais na supervisão da oficina no contexto da formação de professores? Para responder às questões, a investigação tem como objetivo analisar duas experiências pedagógicas, uma na oficina de língua portuguesa com refugiados e a outra de supervisão da oficina no contexto da formação de professores, ambas a partir de um projeto de extensão universitária a distância.

METODOLOGIA

Trata-se de relato de experiência, com análise de natureza qualitativa, em que são produzidas e interpretadas narrativas a partir de observações assistemáticas⁵ da experiência vivenciada de uma oficina de língua portuguesa para refugiados e da orientação da oficina no contexto da prática docente a partir de um projeto de extensão universitária a distância. Este tipo de investigação envolve significados, crenças e aspirações, que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2024).

Os procedimentos metodológicos adotados foram baseados em revisão de literatura e apoiados em duas experiências vivenciadas no projeto de extensão voltado ao ensino da língua portuguesa para refugiados. Na revisão de literatura procurou-se buscar fundamentação sobre prática pedagógica (como referência para compreendermos a oficina) a partir de autores da filosofia da linguagem e de artigos e livros relacionados às obras de

⁵ Este tipo de observação geralmente ocorre de modo espontâneo, sem roteiro próprio.

Mikhail Bakhtin e seu círculo, estudadas no Grupo de Estudo e Pesquisa em Corpo, Linguagem e Lazer (CORLILAZ)/CNPq⁶.

Com relação às experiências a serem narradas e analisadas, a oficina de língua portuguesa com refugiados foi planejada com antecedência em que a professora orientadora trabalhou tanto informações sobre os refugiados frequentadores do projeto Missão Paz como de aspectos técnicos da oficina e da preparação de slides. Todo o processo foi realizado de modo remoto. No dia da oficina na Missão Paz, havia um pequeno grupo de refugiados de aproximadamente sete pessoas.

As observações a serem narradas na experiência da oficina com os refugiados são: o encontro a distância com os refugiados, como a oficina aconteceu e o retorno que tivemos das interações com eles. As observações a serem narradas na experiência de orientação da oficina com os refugiados na prática docente são: como o grupo se organizou, as características do material produzido em forma de slides e a condução da oficina.

Para o desenvolvimento das experiências a serem narradas e analisadas partiu-se dos seguintes princípios: 1) futuros professores e refugiados são sujeitos portadores de uma fala que é ideológica, 2) As ações deles expressam múltiplos sentidos e 3) o encontro com os conhecimentos prévios dos refugiados e o confronto sustentado pelo conhecimento da língua portuguesa gera a produção de novos sentidos e 4) as ações desenvolvidas envolvem um processo educativo permanente de formação de professores e acolhimento a refugiados. Os pressupostos 1 e 2 são baseados nos estudos da linguagem em Bakhtin (1999) que mostra que a fala e as ações humanas são intencionais, o pressuposto 3 é baseado também nos estudos da linguagem inspirados em Fontana (2001), Smolka (2000) e Rodrigues Júnior e Silva (2008), os autores direcionam suas reflexões ao processo didático e aqui aplicamos a oficina de língua portuguesa e o pressuposto 4 é um princípio educativo do projeto de extensão universitária em parceria com o projeto Missão Paz.

A narrativa é inspirada nos estudos de Ferreira, Prezotto e Terra (2020) e Aguiar e Ferreira (2021). A tentativa foi de registrar como futuros professores e refugiados interagem entre si e destacar as diferenças entre o lugar que cada um ocupa. A descrição de tipo de narrativa dá certa liberdade ao autor para expor suas impressões a partir das observações

⁶ Este é um grupo de pesquisa iniciado no ano de 2024 e locado na Universidade Federal do Paraná, coordenado por uma docente da instituição que é uma das autoras do artigo.

feitas, que consistiram em descrever o local onde a atividade foi realizada, o que foi realizado os sentidos expressos na oficina e em sua preparação.

Na análise das observações assistemáticas, a base e inspiração são dois livros de Mikhail Bakhtin – “Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” e “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (Volochinov)”, e obras de autores contemporâneos da linguagem e do lazer. Para as análises criamos dois tópicos a partir das narrativas: 1) As referências iniciais da futura professora de Pedagogia e o encontro com os refugiados e 2) A orientação da oficina como mediação entre a prática docente e o acolhimento aos refugiados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo o relatório global da ACNUR (Agência da ONU para Refugiados) de 2023, o número de pessoas em deslocamento forçado atingiu a marca histórica de 117,3 milhões. “at the end of 2023 as a result of persecution, conflict, violence, human rights violations or events seriously disturbing public order”. Esse dado representa um aumento significativo em relação aos 108,4 milhões registrados no final de 2022. Os deslocamentos são causados por perseguições, conflitos, violência, violações de direitos humanos ou eventos que perturbam seriamente a ordem pública. Proporcionalmente, uma em cada 74 pessoas foi forçada a deixar seu lar e país pelas razões citadas.

O Brasil iniciou sua trajetória legal em relação aos refugiados com a ratificação da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, formalizada pelo Decreto nº 50.215, de 28 de janeiro de 1961. Essa convenção define o termo "refugiado" e estabelece direitos mínimos para essas pessoas, como acesso à moradia, trabalho e educação. Inicialmente, o país aplicou a convenção com limitações geográficas, restringindo a proteção a refugiados europeus afetados por eventos anteriores a 1951, (duas guerras mundiais em menos de 50 anos). Posteriormente, ratificou o Protocolo de 1967, removendo algumas limitações temporais e geográficas da Convenção de 1951.

Mais recentemente, um marco importante foi a promulgação da primeira Lei de Refúgio abrangente do Brasil, a Lei nº 9.474/97, em julho de 1997. Essa lei incorporou uma definição mais ampla de refugiado, incluindo aqueles que fogem de graves e generalizadas

violações de direitos humanos, inspirada na Declaração de Cartagena de 1984. Mais recentemente, tivemos a promulgação da Lei de Migração (Lei nº 13.445/2017) representou um avanço significativo na legislação brasileira ao substituir o antigo Estatuto do Estrangeiro, adotando uma perspectiva mais humanitária e alinhada aos princípios internacionais de direitos humanos. Com escopo abrangente, essa norma regula os fluxos migratórios em geral, contemplando não apenas refugiados, mas também migrantes, visitantes, residentes e indivíduos em situação de asilo político. Entre os instrumentos previstos, destaca-se a concessão do visto humanitário, voltado à proteção de pessoas em contextos de vulnerabilidade. (BRASIL, 2017).

A legislação institui a Política Nacional de Migrações, reforçando a necessidade de políticas públicas inclusivas que assegurem aos migrantes o acesso universal a serviços essenciais, como saúde, educação, assistência social e justiça. Seus princípios fundamentais — como a universalidade dos direitos, a igualdade de tratamento e oportunidades, e a não criminalização da migração — evidenciam o compromisso do Estado brasileiro com a dignidade humana e a integração social dos migrantes.

Nesse contexto, é possível estabelecer um diálogo normativo com a Lei nº 9.474/1997, que regulamenta o reconhecimento da condição de refugiado no Brasil. Embora voltada a um grupo específico, essa lei já incorporava os compromissos internacionais assumidos pelo país ao acolher a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 sobre o Estatuto dos Refugiados. Ambas as legislações convergem na valorização dos direitos humanos e na promoção de mecanismos de acolhimento e proteção, evidenciando uma evolução normativa que busca garantir o respeito à diversidade e à mobilidade humana.

Atualmente, o Brasil continua a receber muitos refugiados e migrantes, principalmente da Venezuela e do Haiti. Em julho de 2024, o Brasil reconheceu mais de 144 mil refugiados e concedeu outras formas de proteção a mais de 572 mil pessoas. Apesar de políticas de acolhimento como a Operação Acolhida, que visa interiorizar venezuelanos, desafios persistem. Refugiados e migrantes enfrentam dificuldades na integração socioeconômica, incluindo altas taxas de desemprego, informalidade e baixos salários. Racismo e xenofobia também são obstáculos significativos à integração, afetando o acesso a moradia, emprego, saúde e educação. A necessidade de uma política nacional abrangente para migrantes, refugiados e apátridas, que considere a participação social dessas

populações e garanta recursos adequados para sua implementação, é uma questão atual em debate no Brasil. Além disso, eventos climáticos extremos, como secas e inundações, impactam as comunidades refugiadas, aumentando sua vulnerabilidade (Claro, 2024).

No Brasil, os estados com mais solicitações são Roraima, Amazonas e São Paulo. Há muitos pedidos deferidos, é claro. Mas há muito ainda por fazer. Considerando a gravidade e duração desses conflitos, os perfis passam a ser diversificados. Há variância em termos de gênero e faixas etárias, incluindo crianças e idosos, por exemplo, que chegam em solo brasileiro em busca de proteção, acolhimento e condições de sobrevivência.

A fim de promover a integração e a autonomia de imigrantes refugiados, solicitantes de refúgio e refugiados no Brasil, o Setor de Cursos de Português da Missão Paz oferece aulas para o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade presencial. Os alunos imigrantes e refugiados (uma média de 420 alunos / 2024³) têm nível de português bem heterogêneo. Eles são divididos em dois níveis. O curso tem duração de um módulo de um mês e meio aproximadamente (carga horária: 56 horas). As aulas são ministradas por professores voluntários nos níveis Básico 1 e básico 2, de 2ª à 5ª feira, das 9h às 11h30. No 1º semestre/2024 as oficinas do Senac em parceria com a Missão Paz ocorreram às segundas-feiras. Neste dia da semana, estiveram presentes estudantes do Haiti, Afeganistão, Angola, Marrocos, Líbano, Mali e Síria. Há ainda a “Casa do migrante”, no mesmo espaço da Missão Paz. As aulas são presenciais às terças e quintas, das 17h30 às 19h.

Como aponta Bakthin (2017), assinado por um membro de seu círculo Valentin N. Volóchinov, a linguagem é um fenômeno social e ideológico, profundamente vinculado às condições históricas e materiais em que se desenvolve. Essa perspectiva reforça a importância das oficinas práticas realizadas em parceria com a Missão Paz, pois o ensino da língua portuguesa para refugiados não se limita à gramática, mas envolve práticas discursivas que promovem a inserção social e o reconhecimento desses sujeitos como participantes ativos da sociedade brasileira. Nas oficinas, o foco está em situações reais de uso da língua — como procurar emprego, acessar serviços públicos ou interagir em espaços urbanos — o que torna o aprendizado mais funcional e imediato para esse público em situação de vulnerabilidade.

A Missão Paz é uma instituição filantrópica da ordem religiosa Scalabriniana que apoia migrantes em São Paulo desde 1940. Seu objetivo principal é acolher, compreender e

integrar populações vulneráveis, respeitando suas identidades e defendendo seus direitos, independentemente de sua origem. A Missão Paz oferece diversos serviços por meio de seus centros, incluindo a Casa do Migrante, o Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes/Refugiados, o Centro de Estudos Migratórios (CEM) e a WebRadio Migrantes.

A Casa do Migrante providencia moradia temporária para até 110 pessoas em situação de rua, oferecendo alimentação, vestuário, higiene pessoal, aulas de português e apoio psicossocial. Já o Centro Pastoral e de Mediação oferece suporte em documentação, questões legais, busca por trabalho, treinamento, saúde, serviços sociais e assuntos comunitários e familiares.

A Missão Paz facilita a inserção profissional de migrantes e refugiados, conectando-os com empregadores éticos e oferecendo palestras sobre a cultura brasileira e direitos trabalhistas. Um local muito procurado pela comunidade acadêmica brasileira, o CEM realiza pesquisas sobre migração/refugiados. Possui uma biblioteca especializada, publica a revista "Travessia" desde 1988, oferece cursos online e organiza eventos acadêmicos. Essa Instituição religiosa e filantrópica atua na proteção dos direitos dos migrantes por meio de advocacy, comunicação e documentação, mantendo a WebRadio Migrantes. Durante a pandemia de COVID-19, a Missão Paz distribuiu ajuda essencial e continuou oferecendo serviços remotamente.

As principais realizações da Missão Paz podem ser condensadas em apoio contínuo a migrantes e refugiados em São Paulo desde 1940. Assistência a diversas nacionalidades, incluindo haitianos, venezuelanos, bolivianos, angolanos e congoleses. Intermediação de trabalho para 5.882 migrantes e refugiados em quatro anos (2012-2015). Além de promover oferta de cursos de qualificação profissional, atuação constantemente na defesa dos direitos e na integração social de migrantes e refugiados. Quando da pandemia de COVID-19, como resposta emergencial ofereceu apoio atendendo migrantes de 72 nacionalidades. Com 50 anos de atuação, a Casa do Migrante/Refugiado evidencia uma longa história de serviço a Instituição auxilia pessoas em condições extremas, como os nigerianos e ganenses resgatados em navios (Parise; Paiva, 2022).

Este público é composto por indivíduos em situação de vulnerabilidade social e, muitas vezes, política, cujas necessidades imediatas de inserção no contexto brasileiro exigem uma aprendizagem funcional e acelerada da língua portuguesa. Em vez de se

dedicarem exclusivamente a processos educativos prolongados, como cursos de um ano, essas pessoas precisam adquirir rapidamente competências linguísticas que lhes permitam acessar o mercado de trabalho, buscar moradia e realizar tarefas essenciais à sua sobrevivência no país.

RESULTADOS

Narrativa 1 – A futura professora de Pedagogia na oficina com refugiados

A preparação da oficina envolveu estar em um outro lugar social, apesar de ser uma professora já experiente em outra área do conhecimento. Ensinar sobre a língua portuguesa foi um desafio e um aprendizado porque envolveu conhecer um grupo de estudantes que também não é comum nas escolas ou universidades brasileiras, os refugiados. Assim, construir a oficina envolveu a busca por ter mais informações sobre esse grupo, saber de onde eles são, quais os idiomas conhecem, se falam ou compreendem um pouco de inglês. Foi pensando isso que meu grupo decidiu que a oficina seria construída de modo bilíngue, após termos algumas informações prévias sobre os estudantes. Durante a explicação de palavras e algumas frases isso seria feito em português e inglês para nos certificarmos que os estudantes entenderiam o conteúdo de nossa oficina. Dois integrantes do grupo ficaram online e um integrante estava presencialmente na Missão Paz para interagir diretamente com os refugiados.

É fundamental dizer que para minha ação pedagógica junto aos estudantes refugiados, tive como percurso formativo as referências de autores da filosofia da linguagem e da Educação, que me deram suporte teórico para que eu pudesse olhar os refugiados como um outro a quem o acesso aos conhecimentos da língua portuguesa será um meio de se integrarem à vida cotidiana na cidade de São Paulo, sendo a Missão Paz, o veículo que proporciona esse acesso.

O tema da oficina, decidido coletivamente em um grupo de três futuros professores, foi “Lazer e Mobilidade”, dando certa ênfase na apresentação ao Parque Ibirapuera de São Paulo. A oficina foi organizada apresentando slides sobre o Parque Ibirapuera, inicialmente dissemos aos estudantes que este é o maior parque da cidade de São Paulo, seguimos falando sobre sua localização, suas principais atrações (museus, praça Burle Marx e a ciclo faixa), os horários de funcionamento de abertura e fechamento dos portões, como chegar

até o parque por transporte público e por aplicativos. Após este momento mostramos fotos do parque e demos ênfase a algumas palavras como “museu”, “praça”, “parque”, “metrô”, “carro”, “transporte”, “chafariz”, “piquenique”, “lazer”, “mobilidade”. Fizemos slides atrativos coloridos e pedimos para que os estudantes falassem as palavras que selecionamos e explicasse para nós qual o sentido delas para eles. Os estudantes mostraram compreender as palavras e pronunciá-las de modo também compreensível. Abrimos para questões e as principais perguntas foram sobre como chegar no parque, quais os horários de fechamento dos portões, pois são vários ao longo do parque e sobre aplicativos de mobilidade na cidade de São Paulo. Explicamos em português nesse momento falando pausadamente que eles poderiam usar o aplicativo *Wase* que é sobre rotas para se chegar a um determinado lugar e o *Moovit* que é um aplicativo útil para quem usa os transportes públicos. Repetimos os horários de fechamento dos portões do Parque Ibirapuera. Ao final, os estudantes fizeram uma atividade de escrita com a professora que estava presencial na Missão Paz, eles tinham que escrever uma mensagem para alguém falando sobre o tema da oficina. Eles fizeram e leram ao final cada um o seu. As escritas, de modo geral, enfatizavam pontos da oficina sobre o Parque Ibirapuera como uma atração da cidade de São Paulo.

Eu fui a pessoa que falou em dois idiomas - inglês e português em uma parte da oficina, isso exigiu de mim concentração para que eu falasse pausadamente tanto o português como o inglês, pois nenhum desses idiomas era o original das pessoas participantes da oficina. A solução para o meu receio inicial em ministrar a oficina para refugiados foi o fato de termos colegas para dividir o trabalho e isso tornou tudo melhor de ser administrado. O apoio da profa. orientadora na preparação da oficina e dos slides também foi fundamental. Dividimos a oficina em partes que seriam de cada um de nós futuros professores responsabilidade e cada uma das pessoas teve chance de interagir com os estudantes refugiados. Ao final, os estudantes agradeceram, não eram muitos, mas pudemos perceber que eles se esforçam para aprender o português e valorizam o projeto Missão Paz na parceria com o Senac.

Para mim, foi um desafio ministrar a oficina para o grupo da Missão Paz, apesar de talvez parecer que foi tudo bem no dia em que a realizamos. A oficina para pessoas em que temos somente algumas poucas informações nos levou a buscar conhecimentos para que pudéssemos chegar até elas, considerando o lidar com as diferenças como premissa. Ao

assistir outras oficinas de colegas sobre os lugares de São Paulo junto aos estudantes refugiados, vi que posso usar também o recurso da arte, a música no caso, que pode facilitar o processo de ensino e aprendizagem, mas mesmo assim, depender de materiais de internet para a oficina que é a distância é sempre um desafio porque pode não funcionar bem a tecnologia e então temos que ter um plano alternativo para seguir a oficina.

Narrativa 2 – Professora orientadora

A parceria do Senac com a Missão Paz tem fluído bem, já tivemos envolvimento de mais de 50 alunos do ensino superior, nas modalidades presencial e EaD. No 2o semestre de 2024, alcançamos um grupo de 24 estudantes neste projeto de extensão. Todos interessados em conhecer o universo dos imigrantes e refugiados no Brasil, assim como contribuir para que sejam dignamente inseridos a partir do conhecimento da língua portuguesa. A parceria com a Missão Paz tem acontecido de forma efetiva.

Os refugiados escolheram São Paulo como seu abrigo, ou como um lugar de passagem, e é onde reconstruirão sua vida e a de sua família. São muitos os benefícios para a comunidade, a iniciar com a integração e interação social e cultural entre nossos alunos e a comunidade de refugiados. A comunidade se torna mais inclusiva, aprendendo a valorizar diferentes culturas, costumes e tradições, enquanto os refugiados têm uma oportunidade de se adaptar e participar ativamente da vida comunitária. Nossos estudantes, além de desenvolverem habilidades linguísticas, conectam os refugiados, por meio das oficinas práticas, a serviços essenciais, como educação, saúde, moradia, lazer e alimentação. Isso corrobora com que eles possam reconstruir suas vidas com dignidade e segurança. É um modo de nós, professores, colaborarmos com a diversidade e redução da xenofobia e preconceito.

“O falar” os estrangeiros aprendem na rua, com as vivências e conversas cotidianas, mas o curso da Missão Paz está preocupado também com a escrita, com a leitura e com a integração. Então as oficinas são muito voltadas para isso. Busca-se abordar os aspectos do Brasil, mostrar um pouco sobre o país e ajudá-los a compreender a língua. Mas, para além de normas gramaticais e conjugação verbal, o objetivo é tornar a língua portuguesa acolhedora, para que os estudantes aprendam a ler, escrever e se comunicar nesta nova realidade em que se encontram inserem. A aprendizagem do português abre portas para o acesso ao mercado de trabalho, à educação formal e a serviços essenciais, como saúde e

assistência social. Refugiados que falam a língua local têm mais chances de se empregar e de alcançar independência financeira.

Considerando que os cursos de licenciaturas preparam o aluno dessa graduação para a carreira de professor com habilidades técnicas para o ensino e pesquisa das línguas portuguesa e inglesa em todos seus aspectos, pensamos em oferecer ao aluno do Senac/EaD a possibilidade de colocá-lo em contato com esse aluno refugiado e imigrante nas “oficinas de português para refugiados”. Esse contato é uma oportunidade para o nosso aluno desenvolver competências socioemocionais a empatia, por exemplo, assim como também habilidades técnicas para o ensino e a pesquisa da língua portuguesa em todos os seus aspectos, tais como conhecimentos didáticos e pedagógicos necessários para a docência.

Como coordenadora do projeto de extensão “Língua Portuguesa como língua de acolhimento a refugiados” e professora orientadora de um trio de estudantes tive uma experiência enriquecedora. Para tanto, envolveu-se nesse processo o equilíbrio cuidadoso entre a prática pedagógica e a formação acadêmica, proporcionando um ambiente de aprendizado mútuo e crescimento pessoal e profissional. Inspirada pelos estudos de Bakhtin (1999) sobre dialogismo, especialmente em sua obra "Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem", observei como as interações entre professores e refugiados se transformaram em um espaço de troca de significados, onde cada voz contribuiu para a construção de novos entendimentos e perspectivas.

Nossos encontros foram remotamente, porque temos estudantes de diferentes partes do Brasil. O trio era diverso, tínhamos extensionistas da cidade de São Paulo, do interior de São Paulo e do Paraná (Curitiba). Mas não houve necessidade de acompanhamento personalizado. Conseguimos manter um acompanhamento próximo e mantivemos a motivação dos estudantes. As estratégias para isso foram usar múltiplos canais de comunicação (e-mail, *WhatsApp*, reuniões online via *google meet*) e acompanhar as etapas e oferecer *feedback* detalhado por escrito nas produções. O trio foi muito autônomo e engajado nas reuniões.

A estudante extensionista que fez a narrativa 1 sempre foi muito participativa, comprometida, demonstrando interesse e realizando as atividades propostas. Participou de todas as *webs* que foram realizadas, teve boa interação com o grupo da oficina, apresentação essa que foi realizada no dia 16 de setembro de 2024. Demonstrou habilidades socioemocionais bem desenvolvidas na sua interação com seu grupo. Bem como as habilidades técnicas e cognitivas na sua participação na parte pedagógica do processo. Sua oficina foi sobre Lazer e Mobilidade - Parque Ibirapuera – SP. Incluir "lazer e mobilidade" no ensino de português para refugiados ajudou na integração e na qualidade de vida dos participantes. Esse tema torna o aprendizado mais contextualizado e útil, mostrando que o português não é só um instrumento de comunicação, mas também de integração e de acesso à cidade.

O idioma materno dos alunos refugiados também representa um desafio na Missão Paz, visto que os alunos são oriundos de diversos países, como Guiné, Peru, Venezuela, Afeganistão, Haiti, Paraguai e Angola. Assim, a diversidade linguística dos refugiados não apenas representa um desafio, mas também uma oportunidade para um enriquecimento mútuo através da troca de experiências e significados.

Os alunos refugiados da Missão Paz, oriundos dos países mencionados, falam as seguintes línguas maternas: Guiné: francês (como língua oficial) e várias línguas locais. Peru e Venezuela: espanhol. Afeganistão: dari (uma variante do persa) e pashto. Haiti: crioulo haitiano (uma língua baseada no francês) e francês. Paraguai: guarani e espanhol. Angola: português (língua oficial) e várias línguas locais, como umbundo, kimbundo, kwanyama, entre outras. Essas línguas refletem as diferentes culturas e realidades dos alunos, o que pode tornar a comunicação e o processo de ensino mais desafiadores, mas também ricos em diversidade.

Algumas línguas faladas pelos alunos refugiados não são tão distantes do português, o que facilita o entendimento durante a oficina. Línguas como o espanhol, falado por refugiados da Venezuela e do Peru, e o guarani, falado no Paraguai, compartilham algumas semelhanças com o português, facilitando a comunicação. No entanto, línguas como o dari, falado por alguns refugiados do Afeganistão, são muito distantes do nosso idioma, o que representa um desafio adicional na interação e no processo de ensino-aprendizagem.

A aluna extensionista que fez a narrativa 1 destacou em seu relatório do projeto de extensão um ponto crucial: a dificuldade de determinar o número exato de alunos matriculados no curso de Português e a nacionalidade dos mesmos. Este é um desafio constante ao ministrarmos oficinas, pois, apesar de termos uma lista com os nomes dos alunos, as frequentes ausências dificultam o acompanhamento. Isso ocorre devido à vulnerabilidade social enfrentada por alguns refugiados, que muitas vezes se veem obrigados a trabalhar, e à complexidade das situações de vida que envolvem outros.

A participação ativa da estudante e de seu trio foi de grande importância para o crescimento linguístico e social dentro do projeto. A contribuição do trio foi fundamental para a promoção de uma educação mais humanizada, alicerçada na inclusão e no respeito à diversidade.

DISCUSSÃO

As referências iniciais da futura professora de Pedagogia e o encontro com os refugiados

A futura professora e seu grupo logo no início da narrativa 1 indicam a preocupação em preparar uma oficina em que pudessem atender a diversidade cultural dos estudantes refugiados que inclui buscar informações se compreendem um outro idioma como consta no trecho: “(...) construir a oficina envolveu a busca por ter mais informações sobre esse grupo, saber de onde eles são, quais os idiomas conhecem, se falam ou compreendem um pouco de inglês” (Narrativa 1).

A futura professora tem como conhecimento prévio os estudos da filosofia da linguagem e da Educação. Dentre as referências e os princípios adotados, destacam-se os estudos de Bakhtin (1990), assinado por um membro de seu círculo Valentin N. Volóchinov.

Segundo Bakhtin (1990), a linguagem é um fenômeno sócio-ideológico e está presente em todas as esferas da atividade humana. Os significados que os indivíduos atribuem às ações no contexto social se manifestam tanto no diálogo com outras pessoas quanto internamente, sempre influenciados pelas referências do meio em que vivem, pelos sentidos assimilados e produzidos, bem como pela posição social que ocupam. No trecho a seguir, a futura professora indica o sentido do aprendizado da língua portuguesa pelos refugiados: “(...) olhar os refugiados como um outro a quem o acesso aos conhecimentos da

língua portuguesa será um meio de se integrarem à vida cotidiana na cidade de São Paulo, sendo a Missão Paz, o veículo que proporciona esse acesso” (Narrativa 1).

As referências dos estudantes refugiados na cidade de São Paulo estarão sempre em construção, pois precisarão lidar com sua construção cultural original e lembranças, de modo que essas referências se ampliem à medida que se apropriarem da cultura que circula no novo contexto em que vivem. Elementos como mídias, redes sociais e espaços de lazer urbano tornam-se importantes na construção de sentidos e na formação da identidade do estudante refugiado, ampliando continuamente suas referências prévias. Isso justifica porque a futura professora e seu grupo escolheram como tema para a oficina “Lazer e mobilidade”, para que os estudantes refugiados tivessem não somente o acesso ao conhecimento sobre o parque, mas como chegar até ele, compreendendo a circulação na cidade de São Paulo.

A oficina foi organizada apresentando slides sobre o Parque Ibirapuera, inicialmente dissemos aos estudantes que este é o maior parque da cidade de São Paulo, seguimos falando sobre sua localização, suas principais atrações (museus, praça Burle Marx e a ciclo faixa), os horários de funcionamento de abertura e fechamento dos portões, como chegar até o parque por transporte público e por aplicativos (Narrativa 1).

O conhecimento sobre os espaços da cidade de São Paulo é fundamental para que os estudantes refugiados desenvolvam o sentimento de pertencimento à cidade, de parte integrante das relações sociais construídas na cidade, isso será elemento primordial para sua inclusão.

A narrativa 1 também indica que o processo de construção da oficina envolveu a elaboração de estratégias didáticas que fossem eficazes para a aprendizagem dos estudantes refugiados, sendo utilizados slides coloridos, falar em português e inglês parte da oficina e a equipe que conduziu a oficina se ajudou mutuamente para que tudo transcorresse bem. Isso mostra que a oficina se fundamenta em princípios do processo de ensino e aprendizagem, considera os estudantes refugiados como sujeitos que possuem história, lembranças, gostos e, principalmente, que são produtores de sentidos em relação ao que lhe é viabilizado por meio da oficina, instigando os estudantes refugiados a aprenderem a língua portuguesa. Os trechos destacados abaixo elucidam estes aspectos:

Fizemos slides atrativos coloridos e pedimos para que os estudantes falassem as palavras que selecionamos e explicasse para nós qual o sentido delas para eles. Os estudantes mostraram compreender as palavras e pronunciá-las de modo também compreensível.

Durante a oficina, ao pedir para os refugiados repetirem as palavras, criamos um espaço de interação onde cada repetição não é apenas uma prática mecânica, mas uma oportunidade para cada participante internalizar e recontextualizar os significados. Bakhtin (2006) nos ensina que cada ato de fala é uma resposta e uma construção de novos sentidos.

Assim, ao repetir as palavras, os refugiados estão participando de um diálogo contínuo, onde cada repetição contribui para a construção coletiva de significados e para a integração cultural e social. Para Bakhtin (2006), a palavra constitui-se como fenômeno ideológico por excelência e é dinâmico. É por isso que ela ocupa o lugar central em todas as manifestações ideológicas. A palavra é o modo mais puro e sensível da existência social da consciência para o homem. A palavra representa o produto da interação entre indivíduos sociais.

Na mediação junto aos estudantes, os trechos abaixo reafirmam na narrativa 1 a construção do trabalho coletivo e as interações entre os futuros professores e a profa. orientadora:

Eu fui a pessoa que falou em dois idiomas - inglês e português em uma parte da oficina, isso exigiu de mim concentração para que eu falasse pausadamente tanto o português como o inglês, pois nenhum desses idiomas era o original das pessoas participantes da oficina. A solução para o meu receio inicial em ministrar a oficina para refugiados foi o fato de termos colegas para dividir o trabalho e isso tornou tudo melhor de ser administrado. O apoio da profa. orientadora na preparação da oficina e dos slides também foi fundamental.

O resultado da oficina foi o retorno positivo dos estudantes refugiados, agradecendo e valorizando o projeto Missão Paz na parceria com o Senac: “Ao final, os estudantes agradeceram, não eram muitos, mas pudemos perceber que eles se esforçam para aprender o português e valorizam o projeto Missão Paz na parceria com o Senac”.

O termo ideologia, associado à definição de linguagem nos estudos de Bakhtin (1990), é amplamente debatido e assume diferentes interpretações conforme a abordagem teórica adotada. O autor explica que, para a filosofia idealista e a psicologia da cultura, a ideologia está localizada na consciência, e o signo é compreendido como um meio técnico para viabilizar efeitos internos, ou seja, a compreensão. No entanto, o autor contrapõe essa

visão ao afirmar que a compreensão só pode ocorrer por meio de elementos semióticos, sendo, portanto, sempre uma resposta a um signo por meio de outros signos. Esse conceito nos é útil para que possamos compreender a situação dos estudantes refugiados, eles não vão iniciar do zero com relação aos espaços do contexto do lazer na cidade de São Paulo, pois em suas cidades originais tinham certas referências sobre lazer, espaço e mobilidade, o que a Missão Paz irá fazer é ampliar essas referências iniciais que possuem para que os estudantes refugiados possam circular na cidade de São Paulo de modo a reconhecer seus espaços e utilizar seu tempo disponível para usufruir do lazer que a cidade oferece como o Parque Ibirapuera.

De acordo com Rodrigues e Silva (2008) a produção de conhecimentos se dá a partir do encontro e confronto com os conhecimentos prévios dos estudantes, sendo assim, pode-se dizer que os estudantes refugiados durante as oficinas são o tempo todo colocados na situação de encontro e confronto de conhecimentos. O encontro com o conhecimento prévio deles é o estranhamento para a futura professora da narrativa 1 e a busca pela familiaridade ao expor aos estudantes o tema “Lazer mobilidade”, este é um movimento antropológico de tornar familiar o estranho e estranhar o familiar. Os novos sentidos produzidos a partir das oficinas de língua portuguesa envolvem para os futuros professores do Senac a busca por tornar familiar o estranho e o caminho para isso é falarem sobre as coisas, lugares e situações da cidade de São Paulo, e assim aprendem a falar a língua portuguesa. Esses novos sentidos são construídos a partir das referências da cidade como aplicativos para locomoção, como é o Parque do Ibirapuera por dentro, levando aos estudantes refugiados a imaginarem a dimensão do parque e as suas atrações.

Segundo a narrativas 1, essa construção passa por um duplo processo que é de subversão - ao tornar acessível o conhecimento sobre lugares de lazer na cidade de São Paulo - quebrando com as referências de senso comum que os refugiados são pessoas que devem trabalhar o tempo todo e fazer por merecer os empregos que conquistam. A outra ponta do processo é o acolhimento, pois quanto mais familiarizados os refugiados estiverem, mais chances deles construir novas relações, conhecerem pessoas e lugares da cidade de São Paulo, o que colaborará para sua permanência e inclusão na cidade.

Bakhtin (1987, p. 3-4) analisou o romance de François Rabelais para destacar a cultura popular da Idade Média e do Renascimento como uma espécie de "segunda vida" que oferecia renovação em contraposição à cultura oficial da Igreja e do Estado.

[...] sua importância e amplitude [riso popular e suas formas] na Idade Média e no Renascimento eram consideráveis. O mundo infinito das formas e manifestação do riso se opunha à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro da sua diversidade, essas formas e manifestações – as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e uniforme, etc. – possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível.

Nesse contexto, o riso popular e suas diversas manifestações tornaram-se fundamentais para compreender as produções da cultura popular nas sociedades contemporâneas. Nessas festividades, a inversão dos papéis sociais simbolizava um mecanismo de renovação da vida e a criação de novos significados: o policial se vestia de médico, o trabalhador assumia a figura de um clérigo, entre outras representações. O elemento cômico era central nessa "segunda vida", funcionando como uma ferramenta coletiva de transformação e reconstrução simbólica da realidade. Podemos fazer uma aproximação dessas ideias de Bakhtin (1987) com os estudantes refugiados. A estada em São Paulo é como uma segunda vida desses sujeitos, repleta de percalços como qualquer estrangeiro, sem compreender a cultura brasileira inicialmente e tampouco os códigos básicos para se comunicar. No entanto, o papel assumido por eles como refugiados abre possibilidades para que conheçam o novo, a cidade, as pessoas de modo a minimizar situações de exclusão e preconceito. Assim, a oficina oferecida e analisada, neste trabalho, é um exemplo de como é possível o conhecimento acerca da cidade e de seus espaços de lazer ser acessível aos estudantes refugiados para que possam sair de uma posição de estranhamento e tornar familiar esses espaços, usufruindo do lazer como um direito social brasileiro que é, efetivamente. Essa experiência para os refugiados se dará mediada pelo corpo, já que o corpo é uma construção cultural, os refugiados nunca se sentirão como brasileiros, mas a sua experiência corporal e a partir do lazer poderá trazer a eles uma nova forma de sociabilidade e construção de relações humanas.

A orientação da oficina como mediação entre a prática docente e o acolhimento aos refugiados

Na oficina 2, a professora orientadora narra como foi sua experiência que de certo modo é uma forma de mediação entre os estudantes do Senac, muitos deles pertencentes ao curso de Pedagogia e o acolhimento aos estudantes refugiados. Os trechos abaixo indicam como se deu esta construção.

A parceria do Senac com a Missão Paz tem fluído bem, já tivemos envolvimento de mais de 50 alunos do ensino superior, nas modalidades presencial e EaD. No 2o semestre de 2024, alcançamos um grupo de 24 estudantes neste projeto de extensão. Todos interessados em conhecer o universo dos imigrantes e refugiados no Brasil, assim como contribuir para que sejam dignamente inseridos a partir do conhecimento da língua portuguesa (Narrativa 2).

Os refugiados escolheram São Paulo como seu abrigo, ou como um lugar de passagem, e é onde reconstruirão sua vida e a de sua família. São muitos os benefícios para a comunidade, a iniciar com a integração e interação social e cultural entre nossos alunos e a comunidade de refugiados (Narrativa 2).

Nossos estudantes, além de desenvolverem habilidades linguísticas, conectam os refugiados, por meio das oficinas práticas, a serviços essenciais, como educação, saúde, moradia, lazer e alimentação. Isso corrobora com que eles possam reconstruir suas vidas com dignidade e segurança. É um modo de nós, professores, colaborarmos com a diversidade e redução da xenofobia e preconceito (Narrativa 2).

Nota-se no último trecho que a professora reforça a finalidade das oficinas - colaborar com a diversidade e redução da xenofobia e preconceito, ou seja, as oficinas tem como proposta um objetivo de transformação social a partir dos sentidos e significados produzidos a partir das oficinas em parceria com a Missão Paz.

A posição da professora orientadora indica que ela tem como finalidade um trabalho voltado a formação de professores a partir das interações com os estudantes do Senac que ministraram a oficina como também o que é esperado pela Missão Paz com relação ao acolhimento dos estudantes refugiados e as informações sobre os próprios refugiados, de acordo com os trechos abaixo:

(...) pensamos em oferecer ao aluno do Senac/EaD a possibilidade de colocá-lo em contato com esse aluno refugiado e imigrante nas “oficinas de português para refugiados”. Esse contato é uma oportunidade para o nosso aluno desenvolver competências socioemocionais a empatia, por exemplo, assim como também habilidades técnicas para o ensino e a pesquisa da língua portuguesa em todos os seus aspectos, tais como conhecimentos didáticos e pedagógicos necessários para a docência (Narrativa 2).

Os alunos refugiados da Missão Paz, oriundos dos países mencionados, falam as seguintes línguas maternas: Guiné: francês (como língua oficial) e várias línguas locais. Peru e Venezuela: espanhol. Afeganistão: dari (uma variante do persa) e pashto. Haiti: crioulo haitiano (uma língua baseada no francês) e francês. Paraguai: guarani e espanhol. Angola: português (língua oficial) e várias línguas locais, como umbundo, kimbundo, kwanyama, entre outras (Narrativa 2).

O termo “acolhimento” é fundamental nas oficinas, pois os futuros professores se veem na posição inicial de estranhamento ao ministrarem a oficina de língua portuguesa, esse processo é aos poucos revisto à medida que os futuros professores possuem mais informações sobre os estudantes refugiados, sobre a Missão Paz e sobre referenciais que tratam dos sujeitos refugiados, acessados a partir dos canais de comunicação (e-mail, *WhatsApp*, reuniões *online*) durante as orientações prévias à realização da oficina. Este processo de ressignificação de um olhar inicialmente de estranhamento para um olhar de familiaridade com os refugiados é fundamental para que ambos se sintam acolhidos - pela Missão Paz em parceria com o Senac. Aqui podemos observar que as experiências pedagógicas perpassam a mediação dessas duas instituições de forma colaborativa.

A professora orientadora é, ainda, uma referência como professora para o grupo de estudantes universitárias, a forma como se dão as relações aproxima-se das palavras de Fontana (2001) ao falar sobre a aula. O projeto de extensão apesar de não ter um formato de aula como as disciplinas regulares, não deixa de ser uma aula em sua essência, ao considerar os sujeitos envolvidos - futuros professores e estudantes refugiados, ao se fazer a mediação em conjunto com a Missão Paz, ao conduzir e avaliar as estudantes da oficina, assim, é uma aula que nos termos de Fontana (2001) se dá a sua leitura pelo avesso, diferenciando-se de uma aula em que os sujeitos são ouvintes e os professores os transmissores de conhecimento. A referência de aula predominante na oficina tem como foco as relações e interações humanas, aí o seu sentido de uma leitura da aula ao avesso, ao contrário do que seria uma aula no seu sentido tradicional. O trecho abaixo mostra que apesar das oficinas de extensão não serem propriamente aulas, elas seguem os princípios indicados acima, demonstrando um processo de humanização do processo de ensino e aprendizagem. “A contribuição do trio foi fundamental para a promoção de uma educação mais humanizada, alicerçada na inclusão e no respeito à diversidade” (Narrativa 2).

São duas responsabilidades que as professoras orientadoras possuem, a de orientar e acompanhar os estudantes do Senac, muitos deles futuros professores e, por outro lado,

tornar possível o acesso ao conhecimento dos estudantes refugiados. Isso, segundo Smolka (2000), é possível pela produção de múltiplos sentidos aos temas trabalhados nas oficinas por parte dos estudantes do Senac junto aos estudantes refugiados. Ao ampliar as referências iniciais desses estudantes acerca da cidade de São Paulo se tem como pressuposto que eles poderão ter uma melhor circulação e integração na cidade, sendo assim um importante processo para que sejam incluídos no contexto da cidade.

A produção de conhecimento se deu na oficina realizada pela construção coletiva de todos os sujeitos envolvidos, no entanto, não deixou de valorizar também o aspecto da individualidade, na narrativa 2 nota-se, no trecho abaixo, que a professora orientadora avalia uma das futuras professoras do trio responsável pela oficina discutida e analisada, destacando aspectos de sua individualidade e singularidade, elementos tão caros aos processos educativos e que no decorrer da construção da oficina e em sua conclusão é possível observar a relação coletivo-individualidade como valores fundamentais para a produção de novos conhecimentos.

A estudante extensionista que fez a narrativa 1 sempre foi muito participativa, comprometida, demonstrando interesse e realizando as atividades propostas. Participou de todas as webs que foram realizadas, teve boa interação com o grupo da oficina, apresentação essa que foi realizada no dia 16 de setembro de 2024. Demonstrou habilidades socioemocionais bem desenvolvidas na sua interação com seu grupo. Bem como as habilidades técnicas e cognitivas na sua participação na parte pedagógica do processo. Sua oficina foi sobre Lazer e Mobilidade - Parque Ibirapuera – SP (Narrativa 2).

Outros valores fundamentais é a consideração da historicidade e singularidade dos sujeitos, quando a professora orientadora busca dados dos idiomas de origem dos refugiados mencionados na narrativa e das informações do trio das futuras professoras, a pergunta - quem são os futuros professores e quem são os estudantes refugiados está presente o tempo todo e é fundamental a essa construção pedagógica que valoriza a historicidade dos sujeitos e a sua singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como foco o desenvolvimento de um projeto de extensão a distância alicerçado na construção crítica sobre a prática docente a partir da experiência de ensino da língua portuguesa com refugiados por meio de oficinas.

As questões da investigação foram: 1) como compreender as interações sociais na experiência de oficina de língua portuguesa com refugiados? e 2) como ocorreram as interações sociais na supervisão da oficina no contexto da formação de professores?

Chegamos às respostas com a análise das narrativas que mostram que apesar do projeto de extensão não ser uma aula no seu formato como são as disciplinas regulares de cursos universitários ou da Educação Básica, elas indicam que as oficinas ministradas são essencialmente aulas que possuem como foco os processos de ensino e aprendizagem valorizando as relações e as interações humanas, o respeito às diferenças, o acesso ao conhecimento como fruto de uma construção coletiva em que a individualidade não deixa de ser valorizada.

As interações sociais foram pautadas nas narrativas da estudante do curso de Pedagogia e da professora orientadora e resultaram em dois subtemas analisados: 1) as referências iniciais da futura professora de Pedagogia e o encontro com os refugiados, e 4) A orientação da oficina como mediação entre a prática docente e o acolhimento aos refugiados. A limitação desta pesquisa é o fato de não se ter o registro das falas dos refugiados, que pode ser um tema a ser desenvolvido em próxima investigação. As implicações práticas é o fato da futura professora e professora orientadora terem feito suas narrativas que podem influenciar novas oficinas na Missão Paz e outros estudos correlatos.

Conclui-se que a oficina de língua portuguesa com refugiados é um meio de acesso e produção ao conhecimento sobre a cidade de São Paulo e o processo formativo docente é complexo e envolve diversos fatores que impactam na vida dos futuros professores que ministram as oficinas.

Outros estudos são bem-vindos de modo a fazer o acompanhamento das oficinas e o registro das falas dos refugiados e dos futuros professores e estudantes em geral do Senac durante a participação nas oficinas.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Conceituação: Santos, C. R. G. dos; Buttler, D. B. **Análise formal:** Silva, C. L. da; Buttler, D. B.; Santos, C. R. G. dos. **Investigação:** Silva, C. L. da; Buttler, D. B. **Metodologia:** Silva, C. L. da. **Administração do projeto:** Silva, C. L. da. **Aquisição de financiamento:** Silva, C. L. da.

CONFLITO DE INTERESSE

As autoras declaram não haver conflito de interesses.

APOIO FINANCEIRO

Este trabalho recebeu apoio do Senac na oferta de uma bolsa de extensão para que pudesse ser desenvolvido.

DECLARAÇÃO DE IA GENERATIVA NA ESCRITA CIENTÍFICA

As autoras declaram que não foi utilizado IA generativa neste artigo.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Relatório da Agência da ONU para Refugiados**, 2023.

AGUIAR, T. B. de; FERREIRA, L. H. Paradigma Indiciário: abordagem narrativa de investigação no contexto da formação docente. **Educar em Revista**, Curitiba, 37, e74451, p.1-22, 2021.

BRASIL. **Decreto nº 50.215, de 28 de janeiro de 1961**, 1961.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BAKHTIN, M. M. (Volóchinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 maio 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 16 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 e determina outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 jul. 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm. Acesso em: 16 set. 2025.

CLARO, C.A.B. **Do estatuto do estrangeiro a lei de migração**. Repositório do IPEA. 2024, n.p. Disponível em:
https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9820/1/BEPI_n26_Estatuto.pdf. Acesso em 18/03/2025.

FERREIRA, L. H.; PREZOTTO, M.; TERRA, J. Confiar. Confiar. Confi(n)ar: a narrativa como estratégia formativa ante as recentes transformações sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n.16, p. 1664-1681, 2020.

FONTANA, R. C. Sobre a aula: uma leitura pelo avesso. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.7, n.39, p.31-7, maio/jun.2001.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2024.

PARISE, P; PAIVA, C. **Apresentando a Missão Paz**: apoiando migrantes e refugiados em São Paulo. MMB América Latina. Migration Mobilities Bristol – apresentando conexões de pesquisa na região. São Paulo, 2022. Disponível em:
<https://mmblatinamerica.blogs.bristol.ac.uk/2022/08/09/introducing-missao-paz-supporting-migrants-and-refugees-in-sao-paulo>. Acesso em 18/03/2025.

RODRIGUES Jr., J. C.; SILVA, C. L. A significação nas aulas de Educação Física: encontro e confronto dos diferentes “subúrbios” de conhecimento. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 159-172, 2008.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 20, n. 50, abril/2000.